

**A EXPERIÊNCIA DE ADAPTAR UM DICIONÁRIO: UM  
RELATO SOBRE A COORDENAÇÃO LEXICOGRAFICA DO  
“DICIONÁRIO SELEÇÕES DE PORTUGUÊS: SÉCULO XXI”,  
VERSÃO BRASILEIRA DE “FAMILY WORD FINDER”**

Maria Elisa Luiz da Silveira<sup>1</sup>  
Fundação Oswaldo Cruz  
ma.elisa.silveira@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho propõe-se a compartilhar a experiência de elaboração do “Dicionário Seleções de português – século XXI: um guia da língua portuguesa com significados, sinônimos e antônimos” (2011), versão brasileira de “Family Word Finder” (2006), cuja coordenação lexicográfica coube a esta autora. O projeto pautou-se pela manutenção das características da obra original: um dicionário de sinônimos e antônimos, voltado para toda a família, com informações complementares sobre etimologia, curiosidades sobre palavras, citações, esclarecimentos de dificuldades gramaticais. Neste texto, comentam-se o planejamento da versão brasileira, a composição da equipe, os critérios para fixação da nomenclatura, a distribuição das tarefas entre os lexicógrafos e a elaboração do manual de redação e estilo. Destacam-se as adaptações feitas respeitando-se o caráter enciclopédico e atualizado da obra.

**Palavras-chave:** Metalexigrafia. Dicionário de sinônimos e antônimos. Versão brasileira.

**THE EXPERIENCE OF ADAPTING A DICTIONARY: AN  
ACCOUNT OF THE LEXICOGRAPHIC COORDINATION  
OF *DICIONÁRIO SELEÇÕES DE PORTUGUÊS: SÉCULO XXI*  
(THE BRAZILIAN VERSION OF *FAMILY WORD FINDER*)**

**Abstract:** The paper shares the experience of compiling the *Dicionário Seleções de português – século XXI: um guia da língua portuguesa com*

*significados, sinônimos e antônimos* (2011), which is the Brazilian version of *Family Word Finder* (2006). The project, coordinated by the author, adopted the features of the original work: a dictionary of synonyms and antonyms “for the whole family,” with supplementary information on etymology, word trivia, quotations, and grammar problems. The article reports on the planning of the Brazilian version, which included putting together a team, selecting the word list, assigning tasks to the lexicographers, and drawing up a style manual. While the encyclopedic, up-to-date approach of the original thesaurus was respected, some adaptations were necessary, and these are highlighted.

**Keywords:** Metalexicography. Dictionary of synonyms and antonyms. Brazilian version.

## 1. Introdução

A elaboração de um dicionário é uma tarefa desafiadora e também gratificante: é complexa, geralmente demorada, com custo financeiro alto e realizada em equipe. Assim como as demais atividades profissionais está sujeita às transformações provenientes do uso das novas tecnologias de informação e comunicação bem como das novas relações de trabalho, além das pressões econômicas.

Neste texto, pretende-se compartilhar a experiência de elaboração do “Dicionário Seleções de português – século XXI: um guia da língua portuguesa com significados, sinônimos e antônimos” (2011), versão brasileira de “Family Word Finder” (2006), cuja coordenação lexicográfica coube a esta autora. O projeto foi uma iniciativa de Seleções Reader’sDigest e Instituto Antônio Houaiss (IAH), previsto para oito meses, com a participação do diretor do Instituto, da coordenadora lexicográfica, quatro lexicógrafos, dois tradutores e um desenvolvedor de *software*. Apresentam-se as características da obra original (FWF) e da obra adaptada. O planejamento do dicionário, a composição da equipe, os critérios para fixação da nomenclatura, a distribuição das tarefas entre os retores e as adaptações feitas para a versão brasileira são comentados.

## 2. Os dicionários acadêmicos e os dicionários comerciais

Logo no primeiro capítulo de *The artandcraftoflexicography*, Landau (1984, p. 10-13) distingue dois tipos de dicionário a partir de sua fonte de financiamento: os dicionários acadêmicos e os comerciais. Os acadêmicos são financiados por governos ou fundações, além de receberem o apoio de universidades; geralmente são desenvolvidos sem ter o lucro como objetivo principal. Já os comerciais recebem investimento privado, o que cria uma expectativa de lucro por meio de sua comercialização. Podemos acrescentar que no apoio fornecido pelas universidades aos dicionários acadêmicos, incluem-se, além da mão de obra de professores e, por vezes, de alunos, local e equipamento de trabalho e a publicação pela própria editora da universidade. Um dicionário gerado fora da universidade precisa contar, geralmente, com o financiamento de um grupo editorial, se não para toda sua elaboração, pelo menos, para impressão e distribuição.

Para Landau (1984), a fonte de financiamento é apenas uma das diferenças entre esses dicionários. O público-alvo e o tempo para realização do projeto são outras distinções marcantes. Os dicionários comerciais tendem a almejar um público-alvo amplo, ser dicionários gerais de língua e enfrentar concorrentes no mercado. Os acadêmicos, mais frequentemente que os comerciais, dialogam com um público segmentado, apresentam um recorte especializado da língua e nem sempre têm um equivalente no mercado, ao menos, com a mesma qualidade. Tratando-se de dicionários comerciais, cremos ser possível constatar uma relação não muito favorável para a equipe lexicográficaentre público-alvo e tempo de realização, isto é, os financiadores costumam desejar uma obra confeccionada em um tempo curto para um público amplo. Na prática, podemos dizer que o desenvolvimento de projetos lexicográficos dessa natureza sofre a influência do trinômio “dinheiro, tempo e qualidade”. Julgamos que o desafio é chegar a um resultado satisfatório para essa equação. Segundo nos lembra Humblé (2011,

p.9), “os metalexícógrafos têm criticado de maneira insistente os lexicógrafos, esquecendo muitas vezes que o dicionário é também um empreendimento comercial e que precisa equilibrar esforços”.

Em um contexto em que o lucro é um objetivo, o tempo e o custo para elaboração de uma obra lexicográfica tendem a ser controlados para se manter em patamares baixos. Esse controle pode atingir diversos níveis: desde a forma de contratação de pessoal, tempo reduzido para pesquisa, que dificilmente inclui a constituição de *corpus* de referência que subsidie o trabalho, até a manutenção ou não de um escritório. Na última década, tem sido cada vez mais comum a realização de trabalhos lexicográficos em *home office*.

O dicionário ora em questão insere-se entre os dicionários financiados pela iniciativa privada para serem comercializados e contou com uma equipe com alguma vivência acadêmica, seja formalmente inserida em cursos de pós-graduação e participante em eventos acadêmicos, seja informalmente por meio de leituras de textos metalexícográficos.

### 3. O planejamento do dicionário

Uma característica que definiu todo o planejamento do dicionário foi o fato de tratar-se de uma versão brasileira de uma obra em língua inglesa. O original foi cuidadosamente analisado pelo diretor do Instituto e pela coordenadora a fim de traçar um plano de elaboração do trabalho a ser submetido à aprovação da Reader'sDigest.

Em termos contratuais, o trabalho foi pensado para oito meses; no primeiro deles, apenas metade dos lexicógrafos trabalhariam. No entanto, havia uma série de providências que precisavam ser tomadas antes do início da redação lexicográfica: entre elas o desenvolvimento de uma interface gráfica *on-line* por meio da qual se alimentaria o banco de dados do dicionário e a organização da nomenclatura, que teve como ponto de partida a macroestrutura da obra original. Tais necessidades fizeram com que o prazo real de desenvolvimento do trabalho fosse maior do que o estipulado.

### 3.1 Estudo da obra original

Além de informar as decisões práticas a serem tomadas e a concepção gráfica do dicionário, o estudo da obra original subsidiou a elaboração do manual para a redação da versão brasileira. Título, capa, elementos pré-textuais, macro e microestrutura do FWF foram analisados.

O título da obra original (“Family Word Finder”, literalmente ‘encontrador de palavras para a família’) estampado na capa junto com o subtítulo (“a familyguidetoenglishwords, theirmeanings, synonymsandantonyms”, um guia de significados, sinônimos e antônimos das palavras da língua inglesa, direcionado para a família”) evidencia algumas de suas características. O público-alvo fica definido como um grupo de diferentes faixas etárias, não especializado, e a informação a ser encontrada na obra refere-se ao significado das palavras, organizado em relações de sinonímia e antonímia.

A capa e a lombada do FWF também nos permitem perceber sua proposta. Nelas, estão os verbetes *cybercrime*, *cyberspace*, *cyborg* e *cycle* (‘crime cibernético, ciberespaço, ciborgue e ciclo’), um recorte de uma das páginas do dicionário. Entendemos a escolha dessa cognição uma fora de a obra apresentar-se ao usuário como um dicionário moderno, em sintonia com os avanços da sociedade materializados também em um repertório lexical que se renova e se amplia.

Os elementos pré-textuais são igualmente esclarecedores dos propósitos do FWF. Nos dicionários comerciais, é comum uma seção intitulada ‘guia de uso’ ou ‘chave de uso’ do dicionário; nos acadêmicos, essa seção é mais frequentemente nomeada ‘apresentação’, ‘prefácio’ ou ‘palavras iniciais’, e é frequentemente assinada por professores renomados e/ou filólogos, que conferem autoridade à obra. Na versão inglesa, há uma seção intitulada “How to use the Family Word Finder” (Como usar o encontrador de palavras da família), sem indicação de autoria. Na frase de abertura, a obra é identificada como um *thesaurus*, um dicionário de sinônimos e antônimos. Ao longo do texto, diversas seções são apresentadas para explicar e exemplificar as informações disponíveis na obra. No

último parágrafo, ampliam-se as possibilidades de uso do dicionário: “como um tesouro, um encontrador de palavra, um dicionário comum; como um guia de ortografia, pronúncia e uso, ou simplesmente como um livro para se folhear, aprimorar seu vocabulário e familiaridade com as palavras e suas histórias” (Family Word Finder, 2006, p.10).<sup>2</sup>

O texto é construído para dialogar com o usuário, de forma clara e direta, comentando cada componente do verbete e explicitando as pistas para leitura do dicionário a partir dos destaques gráficos que sinalizam os tipos de informação fornecida. A estrutura padrão dos verbetes é apresentada: classe gramatical, exemplo, lista de sinônimos, lista de antônimos. Cada tipo de informação complementar a essas listas é abordada: dica de pronúncia e dica de ortografia, observações sobre uso, origem da palavra, explorando a palavra e citação.

Esse exame evidenciou que a adaptação brasileira deveria dirigir-se a um público leigo, privilegiar o registro contemporâneo da língua portuguesa no Brasil, indicar sinônimos e antônimos, funcionar como um guia de usos do português, além de oferecer informações sobre etimologia, termos recentes de áreas técnicas e citações de escritores renomados. Deveria ter em mente a função de aumentar o vocabulário do consulente e seu conhecimento da língua por meio de amplos repertórios de sinônimos, narrativas enciclopédicas e etimologias curiosas, subsidiando especialmente a produção escrita. Tal amplitude de intenções não é a normalmente esperada em um dicionário de sinônimos e antônimos, pelo menos, nos de uso corrente no Brasil. O projeto e a equipe precisaram acolher essa identidade própria da obra original, tendo em mente as adaptações necessárias para o público brasileiro, especialmente quanto à nomenclatura do dicionário e os campos complementares, conforme será explicitado a seguir. Depreendemos ainda que a obra deveria primar pela praticidade, ser de consulta fácil, clara e agradável. O usuário deveria ter sua questão esclarecida preferencialmente consultando um único verbete. O recurso das remissivas

no FWF é empregado com parcimônia apenas nos campos complementares do verbete.

A versão brasileira intitulou-se “Dicionário Seleções de português – século XXI: um guia da língua portuguesa com significados, sinônimos e antônimos”; como imagem de fundo na capa e na lombada apresentou o verbete ‘ciborgue’. Na seção “Como usar o Dicionário Seleções de Português”, que recebe a assinatura de “Os editores”, seguiu a mesma estrutura do FWF e o tom de diálogo com o usuário. Os critérios e as fontes que nortearam a elaboração da obra foram sinalizados tendo em vista um público leigo e amplo.

A organização interna dos verbetes na versão brasileira seguiu exatamente a da obra original, inclusive nos destaques gráficos. A estrutura básica é do verbete, acrescentaram-se informações complementares, algumas como campos dentro do verbete: ‘Origem da palavra’ (etimologia), ‘Nota de uso’ (esclarecimentos sobre grafia, conjugação, regência, concordância ou sobre distinções semântico-discursivas entre palavras) e ‘Dica de pronúncia’, outras como boxes: ‘Explorando a palavra’ (ampliação de informações históricas e etimológicas sobre uma cognação) e ‘Citação’ (frases literárias ou não de personalidades).

As principais classes gramaticais registradas foram dos substantivos, verbos e adjetivos visto que o foco do dicionário era as relações lexicais de sinonímia e antonímia. Em função do interesse em oferecer possibilidades de substituição na redação de um texto, algumas palavras gramaticais, como advérbios, conjunções, preposições e interjeições, também foram lematizadas. Na atribuição de classe, evitaram-se muitos detalhamentos a fim de manter a característica da obra original de não usar abreviaturas em excesso, especialmente as relacionadas a conhecimento metalinguístico, que teriam de ser decifradas pelo leitor.

O FWF fornece exemplos para todos os sentidos, com sentenças completas (na forma afirmativa, interrogativa ou negativa). Em alguns verbetes, há mais de um exemplo para nuances de significado. Para a versão brasileira, os exemplos foram aproveitados do original em inglês, criados ou adaptados de outros dicionários e do

*corpus*. Por meio de exemplos, então, podiam ser indicados matizes semânticos, os complementos usuais de um verbo, com que palavra a entrada se relaciona, que preposição a acompanha etc.

### 3.2 Composição da equipe

O projeto inicialmente previa oito meses de trabalho e uma equipe com quatro lexicógrafos e uma coordenadora, contratados especificamente para a empreitada. Na prática, participaram do trabalho na parte que coube ao IAH: dois colaboradores tradutores (um antes do início do trabalho dos lexicógrafos para a tradução da nomenclatura; outro durante a redação lexicográfica para acelerar o ritmo de trabalho na adaptação dos boxes ‘Explorando a palavra’); quatro redatores lexicográficos, a coordenadora, o diretor do Instituto e o desenvolvedor de *software*.<sup>3</sup>

Todos os membros da equipe possuem experiências anteriores em obras lexicográficas e já haviam trabalhado juntos em projetos diversos do IAH. Coordenadora e redatores possuem formação em letras: uma especialista em literatura portuguesa, uma mestre em literatura brasileira, uma em linguística aplicada, uma doutoranda em língua portuguesa e um doutor em língua portuguesa, ou seja, todos com vivência acadêmica além da graduação. Suas *expertises* e interesses foram considerados para a divisão das tarefas específicas da obra.

### 3.3 Elaboração do manual de redação e estilo

O manual elaborado pela coordenadora abarcou orientações sobre como redigir a obra, utilizando o *software* para preenchimento *on-line* do banco de dados do dicionário (a máscara), além de outras informações. Foi estruturado em três partes. A primeira consistiu numa sensibilização para a discussão de sinonímia e antonímia a partir de dois textos literários.<sup>4</sup>Na segunda parte, foi apresentada



---

uma compilação sobre estudo das relações lexicais a partir das leituras especialmente de Valente (1999) e Azeredo (2009) no que se refere a sinonímia, antonímia e outras relações semânticas entre as palavras; também se apresentaram para a equipe um estudo de características da obra original e observações sobre outros dicionários de sinônimos e antônimos de língua inglesa e portuguesa. Na terceira parte, os critérios para a elaboração da versão brasileira foram definidos, seguidos de instruções para preenchimento de cada campo da máscara.

Na versão brasileira do FWF, ficou estabelecido que trabalharíamos basicamente com relações semânticas de semelhança (sinonímia) e de oposição (antonímia). As relações de inclusão também podiam ser consideradas e receberem tratamento diversificado: ora como sinônimos, por vezes, complementados com ‘Nota de uso’, ou ainda transformados em ‘Explorando a palavra’.

Conforme se encontra na própria obra original:

A definição mais simples de sinonímia é a de “uma palavra que significa a mesma coisa que outra palavra”. Infelizmente, essa definição não leva em conta exatamente o que torna um dicionário de sinônimos útil. Como bem explica o escritor e político inglês Lorde Chesterfield (1694-1773): sempre há invariavelmente “alguma pequena diferença, alguma distinção entre as palavras que usualmente chamamos de sinônimos – uma sempre tem mais energia, abrangência ou sutileza que outra” (Family Word Finder, 2006, p. 5-6).<sup>5</sup>

Azeredo (2009) propõe quatro subtipos de sinônimos: variantes regionais ou geográficas; variantes estilísticas ou discursivas (relacionadas a registros linguísticos diferentes, por exemplo, de mais ou menos formalidade); variantes psicológicas ou expressivas (que envolvem o julgamento por parte do enunciador); variantes etárias ou históricas. Para a versão brasileira, foram consideradas as variantes estilísticas e as expressivas.

Por meio do manual, pretendemos criar um entendimento comum na equipe sobre a aplicação do conceito de sinonímia e antonímia na obra e prepará-la para manter o espírito da obra original. A estratégia do convencimento e da definição *a priori* de procedimentos a serem adotados é mais proveitosa para todos: proporciona menos desgaste e mais rendimento, conseqüentemente mais velocidade durante a redação. Cabe destacar que o trabalho foi desenvolvido em *home office*; portanto, as orientações escritas também tentavam de algum modo substituir o contato presencial diário para dirimir dúvidas. Reservar tempo para leitura e discussão do manual de redação e estilo da versão brasileira foi uma forma de garantir para os redatores oportunidade de reflexão sobre a natureza do trabalho antes de iniciá-lo efetivamente, seguindo metas de produção diária, aumentada ao longo dos meses.

A primeira versão do Manual foi submetida ao diretor do Instituto e depois encaminhada à equipe na primeira semana de redação; foi também material para discussão em reunião. Evidentemente, recebeu adendos ao longo do projeto, a partir de definições mais específicas que foram surgindo quanto a uso da máscara, destaques gráficos, fórmulas de redação a serem aplicadas sistematicamente.

#### **4. Critérios para definição da nomenclatura**

A nomenclatura da versão brasileira partiu da tradução da nomenclatura do FWF, feita anteriormente por profissional contratado pelo IAH. No primeiro mês de trabalho, uma lista de palavras em arquivo de texto foi entregue à coordenadora, com a indicação do correspondente em inglês. Esse material foi transformado em uma tabela do Excel, inicialmente com duas colunas (separando o vocábulo em português e as entradas correspondentes do FWF). Na etapa de análise mais detalhada da obra original, outras colunas foram acrescentadas para sugestões de que o verbete recebesse campos complementares à estrutura básica, muitos deles anotados a partir do FWF. Indicação de sinônimos em português

e fontes a consultar também foram incluídas em uma coluna de observações.

A ideia era ter uma lista que indicasse aos lexicógrafos caminhos a seguir. Fazer isso em Excel permitiu que ela fosse importada para o banco de dados. Possibilitou também um controle preliminar do número de verbetes por letra e do número de verbetes com campos complementares, com o emprego de filtros no Excel.

Segundo Landau (1984), cerca de um terço do tempo de elaboração de uma obra lexicográfica é para seu planejamento. O planejamento da versão brasileira, incluindo as várias etapas anteriores à redação lexicográfica, tomou um tempo significativo, que não foi completamente dimensionado *a priori*. Dos oito meses de contrato, sete destinavam-se à redação lexicográfica, ficando apenas um para as providências iniciais.

Um grande desafio para a adaptação brasileira foi estabelecer uma nomenclatura de tamanho semelhante ao da obra original, com palavras relevantes para a língua portuguesa do Brasil no século XXI, com informação de sinonímia e antonímia a ser indicada, isto é, um conjunto de palavras que supostamente os usuários buscariam para atender suas necessidades de expressão. No intuito de alcançar uma macroestrutura próxima do universo linguístico do português do Brasil, fixamos a nomenclatura da versão brasileira a partir da comparação e consulta a outras fontes em língua portuguesa.

Os procedimentos adotados estão brevemente comentados a seguir.

1. Cotejo com a nomenclatura (a) do *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos* (DHSA), obra confeccionada pelo IAH, considerada uma referência para a equipe; (b) do *Dicionário Unesp do português contemporâneo* (2004), por se tratar de uma obra elaborada a partir de *corpus*, para (i) confirmação de uso atual da palavra; (ii) depreensão dos sentidos usados; (iii) opção pelo registro de um lema, conforme seu emprego fosse mais frequente como adjetivo ou substantivo.

2. Consulta ao *corpus* gentilmente cedido por um dos membros da equipe de redação<sup>6</sup> para (a) verificação de frequência em textos de língua portuguesa (ferramenta Wordlistalphanbetical); (b) percepção da prevalência em textos jornalísticos ou literários; (c) exame de sentidos em índices de palavras contextualizadas (ferramenta Concordance).
3. Reavaliação de algumas entradas muito específicas do universo religioso, militar e médico cuja eliminação foi discutida com os editores da Reader's Digest. Algumas das sugestões de exclusão de verbetes ou de seu aproveitamento como locução ou nos campos complementares 'Explorando a palavra' e 'Notas de uso' foram aceitas. Em outros casos, os verbetes foram mantidos tais como no FWF, especialmente por acolhermos a intenção de a obra servir à família: entendemos que o dicionário pretende auxiliar gerações diferentes a construir um entendimento comum (a partir do vocabulário) sobre avanços recentes na medicina, nas tecnologias de comunicação e informação. Por essa razão, 'terapia de reposição hormonal, botox, *wifi*, GPS, biotecnologia', entre outros foram mantidos como verbetes ou locuções.

Em respeito à característica enciclopédica da obra, se havia a possibilidade de incluímos notas complementares ao verbete sobre sua origem e evolução semântica, seu uso atual, algum esclarecimento gramatical, ou mesmo sobre sua significação, quando se tratava de algo novo ou pouco dominado pelas pessoas, optou-se pela manutenção do verbete ou mesmo sua inclusão na obra adaptada. Entre esses exemplos, encontram-se 'hercúleo' (para comentar na etimologia os doze trabalhos de Hércules), HIV (para apresentar a distinção entre 'HIV positivo' e 'aidético'), 'homeopatia' (para contrapor a 'alopatia').

Controlar o tamanho do dicionário (em número de verbetes e de páginas) também era uma preocupação. Como decidir o que não incluir? O que deveria ser eliminado? E o que deveria ser substituído? Nessas decisões, foram considerados o registro da palavra nos

---

dois dicionários citados e sua frequência no *corpus* de consulta. Isso significa que, pelo menos, uma palavra da cognação foi incluída quando esses critérios foram atendidos.

## 5. Redação do dicionário

Após a fixação da nomenclatura, implementamos uma divisão temática dos lemas. Esse procedimento é pouco usual em dicionários comerciais quando os editores, por razões operacionais, preferem que se finalize letra por letra para diagramação, deixando em segundo plano especificidades da organização estrutural da obra lexicográfica. Essa estratégia já havia sido empregada de maneira positiva em outro projeto lexicográfico com a participação de quase todos os membros desta equipe. A redação do dicionário por divisão temática, e não alfabeticamente, propicia mais coerência aos verbetes e mais velocidade na produção. A divisão para a versão brasileira foi inspirada principalmente nas categorias de modalidade e transitividade da gramática funcional (HALLIDAY, 1985) e nos agrupamentos temáticos do estudo sobre o vocabulário do Projeto Nurc (Norma Urbana Culta Carioca) (MARQUES, 1996). Toda a equipe se envolveu nessa tarefa que foi feita rapidamente: a intenção era criar uma divisão operacional (e não teórica) da nomenclatura.

A ordem de trabalho das áreas temáticas foi definida e cada uma delas entregue a um redator. As muito extensas foram divididas entre dois ou quatro redatores. Esse modo de trabalho foi possível porque o nosso compromisso com os contratantes era entregar o dicionário inteiro ao término do trabalho. Entretanto, isso não nos eximiu de submeter a aprovação da Reader's Digest uma mostra de verbetes logo no primeiro mês de redação e de enviar relatórios mensais a respeito do andamento do projeto.

Na redação dos verbetes, todos os lexicógrafos estavam encarregados de redigir a estrutura básica e o campo 'Origem da palavra'. A responsabilidade específica pelos outros campos comple-

mentares foi dividida entre os redatores conforme suas habilidades, interesses e experiências lexicográficas anteriores.

Toda a redação da obra foi feita em um *software* desenvolvido por um profissional do IAH. O dispositivo de entrada de dados no banco de dados funcionava *on-line*, com acesso pelo navegador Mozilla Firefox. Cada redator possuía sua senha. A possibilidade de trabalho *online*, ainda mais em uma equipe que trabalha em casa, permite que todos possam ver o estado da arte do trabalho, facilitando a consulta a outros verbetes, o que tende a favorecer a coerência na obra, e também a revisão tipográfica, uma vez que é possível atribuir determinados padrões gráficos para cada parte da microestrutura. O banco de dados permite também o acompanhamento da produção dos lexicógrafos e contém mecanismos de buscas que tornam a conferência dos verbetes mais sistemática e mais rápida. Há também a possibilidade de comunicação entre a equipe, a partir de inserção de notas nos próprios verbetes.

A título de exemplo, apresentam-se a seguir alguns verbetes do FWF e da versão brasileira, com destaque para as informações complementares cuja adaptação se investiu bastante. Um exemplo da estrutura básica do verbete na versão brasileira:

**assinalar**v. **1** *O enunciado da prova era:* “Assinale a resposta correta”: marcar, indicar, sinalizar; grifar, sublinhar, envolver. **2** *Em seu discurso de posse, assinalou as boas qualidades do seu antecessor:* enfatizar, destacar, evidenciar, realçar, frisar, acentuar. **3** *O ingresso na faculdade assinala uma nova fase da vida do jovem:* demarcar, marcar, sinalizar; determinar.  
**Ant. 2** ocultar, encobrir, esconder; omitir.

Como exemplos de *Pronunciationtips* do FWF, temos “**amicable** ...Amicableisstressedonthefirstsyllable: AM-icable.”; “**URL** ...URLispronouncedeither as theacronym it reallyis, yew-are-el, or as a word in itself, earl (torhymewith girl).” e de *Spellingtips*:

“**cataract** ...Don'tbetemptedtoputane in cataract – allthevowels are a's. Remember, cAtArActis a giantwaterfallofA's”.

Na versão brasileira, optamos por indicar questões de pronúncia em palavras que pudessem suscitar dúvidas, que são frequentemente pronunciadas de forma incorreta ou que tenham dupla pronúncia, por exemplo: *inexorável*, *obeso*, *líquido*, *abrupto*, *rubrica*, *antiguidade*. O texto, como na obra original, não poderia usar símbolos obscuros e deveria amparar-se na analogia com outras palavras da língua portuguesa, pertencentes ao vocabulário comum. Quando necessário, partimos do conhecimento do usuário sobre sílaba tônica e classificação das palavras quanto a tonicidade. Por exemplo: “**inexorável**... O *x* nesta palavra soa como o *z* em *zebra*”; “**obséquio**... Considera-se correto pronunciar o *s* como em *base*”; “**abrupto**... Recomenda-se a pronúncia do *b* e do *r* em sílabas diferentes: “ab-rup-to”, diferente do que acontece em “a-brir”, por exemplo”; “**rubrica**... *Rubrica* é uma palavra paroxítona: com a sílaba tônica como em *nanica*”.

No caso de palavras estrangeiras, empregamos uma transcrição simplificada, entre aspas, com os caracteres do alfabeto da língua portuguesa. O acento indica a sílaba tônica, assim como o timbre das vogais e os ditongos tônicos. Exemplo: “**browser**... Lê-se “bráuzer””; “**CD-Rom**... Lê-se “cídí rom” em inglês, mas em português a pronúncia usual é “cê dê rom””.

Na versão brasileira, quando grafia e pronúncia precisavam ser comentadas, optamos por incluir a informação em ‘Nota de uso’. Por exemplo: “**gratuito** ...Atenção para a grafia e para a pronúncia desta palavra: ela não tem acento gráfico, e na sua sílaba tônica há o ditongo *ui*, pronunciado assim como no nome *Rui*”.

O campo ‘Nota de uso’ acolheu principalmente dúvidas gramaticais a respeito de conjugação verbal, regência verbal, paronímia, além de informações sobre distinções semânticas entre palavras. A definição dos verbetes que receberam esse campo guiou-se pela consulta a obras brasileiras que tratam de dificuldades gramaticais, com pouco material aproveitado do FWF que era adaptável à língua portuguesa. Por exemplo, no FWF:

*Nice* is a nice word and it's nice to use but not nice to overdo it! *Nice days, nice kings, nice paper, nice dogs, nice books, nice films, nice meals* – it all becomes very vague. *Nice* is often used to mean *pleasant*, and *pleasant, pleasing, agreeable, friendly, kind* are just a few synonyms that could be used instead. A *sunny (clear, cloudless, warm)* day, an *interesting (exciting, gripping, charming, amusing)* book or film, etc. Do look for more precise, specific, colourful words to use in place of *nice*.

Exemplos da versão brasileira:

**legal...** Na linguagem informal, algumas palavras, como *legal, bacana e maneiro*, são muito usadas para qualificar coisas ou pessoas de modo positivo e, na verdade, de um modo vago. Considere, portanto, a possibilidade de usar adjetivos mais específicos: por exemplo, uma pessoa *legal/bacana/maneiro* pode ser *simpática, divertida, de bom coração, prestativa, amável, compreensiva ou competente*; uma roupa pode ser *bonita, diferente, confortável ou da moda*; um filme pode ser *interessante, divertido, intrigante ou bem-feito*; se uma pessoa está *legal* pode estar *alegre, satisfeita, saudável ou descansada*.

**assistir...** É cada vez mais comum o uso de *assistir* no sentido de ‘ver’ sem a preposição *a*: *Milhares de pessoas assistiram o jogo*, consequentemente, *O jogo foi assistido por milhares de pessoas*. No entanto, para evitar possíveis críticas, prefira usar a preposição: *Milhares de pessoas assistiram ao jogo*.



No FWF, as etimologias são indicadas por meio de frases completas, sem o uso de abreviaturas ou símbolos, muitas vezes com algum comentário sobre a data de entrada na língua ou curiosidade semântica. Por exemplo, no FWF:

*Client* comes from Latin *cliens*, listener. In ancient Rome the word actually meant a person under the protection of a patron, a 'listener' in the sense that he was at his patron's beck and call. The word came to mean a lawyer's client during the Middle Ages, and acquired its present-day sense of 'customer' about the beginning of the 17th century.

Tanto para o campo 'Origem da palavra' quanto para o box 'Explorando a palavra', muitos dos verbetes do FWF foram aproveitados na versão brasileira. Indicou-se sempre a etimologia quando havia duas entradas homônimas e, seguindo o interesse constatado no FWF de aumentar a percepção do usuário sobre sua língua, procuramos incluir etimologia de outras línguas, além de latim e do grego, imensa maioria dos verbetes sinonimizados. São exemplos desses verbetes na versão brasileira: *abandonar*, *aporte*, *assembleia*, *banal*, *charme*, *clichê*, *bizarro*, de origem francesa, *ebizarro*, *bojo*, *chulo*, *cilada*, *ojeriza*, *postição*, *tramoia*, de origem espanhola. Exemplos da versão brasileira:

**cliente...** • *Origem da palavra:* *Cliente* vem da palavra latina *cliens* 'protegido de um cidadão rico e poderoso', de onde também *clientela*. A esse significado da palavra usado na Roma Antiga, acrescentaram-se depois, por influência do francês, 'pessoa que confia seus interesses a um advogado' e 'freguês, consumidor, pessoa que utiliza com frequência um serviço'. Daí os sinônimos *decliente* e *clientela* poderem ser mais

específicos de acordo com o serviço utilizado: estacionamento, banco, escritório de advocacia, hospital etc.

**covarde...**•*Origem da palavra:*Covardevem do francês antigo*coue*'cauda, rabo', talvez porque *oscovardes*, assim como os cães, andam com a cauda entre as pernas.

### **ciberespaço...Explorando a palavra**

*Ciberespaço* e várias outras palavras com o radical *ciber-* são criações do século XX. Na origem delas, está *acibernética* (do inglês *cybernetics*), o estudo dos mecanismos de controle de comunicação nos seres vivos e nas máquinas. A palavra inglesa, registrada em 1948, está ligada ao grego *kubernētēs* 'piloto, dirigente (especialmente de embarcações)', enfatizando as ideias de governo e regulação. A partir daí, evocando o uso de recursos cibernéticos para a criação de redes de comunicação por computador, como a internet, foram criadas: *cibernauta* 'quem navega pelo ciberespaço', *cibercultura* 'a cultura (valores, conhecimentos, crenças, comportamentos) que emerge do uso das novas tecnologias de informação e comunicação para interação social, trabalho, expressão artística, entretenimento, ação política etc.', *cibercafé* 'espécie de cafeteria que oferece o uso de computadores ligados à internet', *ciberpirata* 'quem usa conhecimentos de informática para exercer atividades ilegais na internet', *ciberpirataria* 'pirataria eletrônica', entre outras que continuam a ser criadas. Uma palavra famosa dessa família é *ciborgue*, do inglês *cyborg*, formado das iniciais de *cyber-* + *organism*, literalmente 'organismo cibernético', criatura com partes orgânicas e mecânicas, homem biônico. Esse termo foi criado em 1960,

nos Estados Unidos, por Manfred Clynes que, junto com Nathan Kline, propôs à NASA inúmeros modos de tornar os seres humanos adaptados para sobreviver no espaço sideral. O ciborgue ganhou o mundo como personagem de obras de ficção científica.

O último box a ser comentado é o de citação. No FWF, informa-se que as citações de escritores famosos e figuras públicas ilustram o uso de uma palavra. Há muitos textos literários, predominantemente em prosa, da literatura inglesa, além de clássicos da literatura universal, citações bíblicas e aforismos. Na obra original, a identificação de tais trechos é feita exclusivamente pelo autor, sem especificação de obra.

Por julgar que o maior uso de textos de autores de língua portuguesa favoreceria a identificação do usuário com a obra, optamos por acrescentar citações de autores de língua portuguesa. Buscamos ainda diversificar os textos: provérbios, poemas, letras de música etc. Muitas citações da obra original foram traduzidas; as de clássicos da literatura universal, por exemplo, conforme o caráter enciclopédico do FWF foram mantidas. Para a seleção de citações, por solicitação da equipe lexicográfica, os contratantes forneceram-nos uma seleção de frases incluídas nas revistas *Seleções Reader's Digest* e a obra *Viver mais*, uma coletânea de citações, publicada pelo mesmo grupo editorial. Ao lado de William Shakespeare, Oscar Wilde, T.S. Elliot, La Fontaine, Rousseau, Goethe, Gibran Khalil Gibran, Platão, a versão brasileira contém citações de Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Dorival Caymmi, João Nogueira e Paulo César Pinheiro, José Saramago, Milton Santos entre muitos outros. Por exemplo, em bobo "(...) a cacunda do bobo é o poleiro do esperto", Guimarães Rosa; em cabeça "No futebol a cabeça é o terceiro pé", Sérgio Porto.

A distribuição dos campos complementares teve de ser controlada ao longo dos verbetes do dicionário. Não era desejável que um mesmo verbete recebesse mais que dois ou três desses campos,

nem que houvesse, por exemplo, uma concentração de citações em uma mesma página do dicionário.

## 6. Considerações finais

A experiência de coordenar a adaptação desse dicionário revelou que mesmo um dicionário comercial é permeável a questões acadêmicas, no caso em questão, trazidas especialmente por uma equipe formada por lexicógrafos experientes e interessados na continuidade de sua formação e na reflexão sobre o fazer lexicográfico. As experiências anteriores e a formação dos vários membros da equipe foram válidas para a consecução do projeto.

Em projetos lexicográficos que funcionam com a lógica do mercado, nem sempre é possível manter uma equipe coesa trabalhando sem interrupções. Sem dúvida nenhuma, a continuidade do trabalho lexicográfico em sucessivos projetos leva ao aprimoramento de todos envolvidos no processo, ainda mais quando se busca uma maneira mais produtora e fundamentada em redigir dicionários.

No tocante à versão brasileira do FWF, consideramos que o trabalho de adaptação da obra original foi mais intenso na fixação da nomenclatura, na seleção das citações e na elaboração das notas de uso e dicas de pronúncia. O resultado alcançado é satisfatório por corresponder às características da obra original.

## Notas

1. Mestre em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, [ma.elisa.silveira@gmail.com](mailto:ma.elisa.silveira@gmail.com)

---

2. “as a thesaurus, or wordfinder; as a simple dictionary; as a guide to spelling, pronunciation and usage; or simply as a book to browse in, to improve your vocabulary and familiarity with words and their stories”.

3. Transcrevem-se aqui os créditos da obra no que se refere à parte lexicográfica: Direção de projeto: Mauro Villar; Coordenação lexicográfica: Maria Elisa Luiz da Silveira; Redação: Elisabeth Lisovsky, Flávio de Aguiar Barbosa, Laura do Carmo, Sílvia Oliveira da Rosa Fernandes; Tradução (colaboração): Pedro Libanio, Vera Lúcio Coelho Villar; Concepção e desenvolvimento de software: João Rodrigues de Mello Franco.

4. Um deles é uma crônica de Millôr Fernandes, “Choque cultural ou gap geracional”, publicado no *Jornal do Brasil*, em 28/10/1990, citada em Valente (1999, p.196-197); o outro texto, “O primeiro árabe”, foi extraído do livro *O enigma de Qaf*, de Alberto Mussa (p.15-18), publicado pela Record em 2004.

5. “The simplest definition of a synonym is ‘a word that means the same thing as another word’. Unfortunately, this definition takes no account of the very aspect of synonymy that makes a book of synonyms useful. This aspect of synonymy was well described by the statesman and author Lord Chesterfield (1694-1773), when he pointed out that there is invariably ‘some little difference, some distinction between all those words that are vulgarly called synonymous – one hath always more energy, extent or delicacy than another.’”

6. O *corpus* à época, com cerca de 30 milhões de palavras, foi constituído por Flávio de Aguiar Barbosa, a partir de textos jornalísticos do *O Globo* e da *Folha de São Paulo*, recolhidos em 2008 e 2009, por obras literárias em domínio público de autores até o século XIX, e por artigos de revistas acadêmicas, principalmente de ciências humanas, e de divulgação científica de 2007 a 2009. O tratamento estatístico se deu por ferramenta computacional (WordSmith Tools).

## Referências

AZEREDO, J.C. dos S. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2009.

BORBA, F.S. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. São Paulo: EdUnesp, 2004.

FAMILY WORDFINDER. *Family Word Finder: a family guide to english words, their meanings, synonyms and antonyms*. London, New York, Sydney, Montreal, Singapore: Reader's Digest Association. 2006.

HALLIDAY, M.A.K. *Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HOAUISS, A. *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANDAU, S.I. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MARQUES, M.H.D. *O vocabulário da fala carioca*. 20 v. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

NEVES, M.H.M. *Guia de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2003.

VALENTE, A. *A linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HUMBLÉ, P.R. "Um início de conversa". In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, P.R. (Org.). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011.

Recebido em 05/12/2012

Aceito em 02/06/2013